

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

Atleticano. Lavador de carros. Poeta. Sr. Oswaldo, "o Grande Galo" - um brasileiro que tem muito para contar...

Meu nome é Oswaldo Ferreira Filho, e sou nascido em 6 de agosto de 1954, em Belo Horizonte. Sou o que se chama de "órfão de pais vivos", porque não fui criado por meus pais. Aos oito anos de idade, fui para a Congregação Dom Orione, cujo responsável era o Pe. Dino Barbieri. Lá, passei minha infância e adolescência e estudei até a quinta série do primeiro grau (atual Ensino Fundamental), em 1970. Tive muito boa formação. Fiz vários cursos profissionalizantes, como cestaria, carpintaria, metal, cerâmica, práticas e técnicas agrícolas, fotografia, datilografia e olaria. Também tinha práticas desportivas. Jogava futebol de campo. Participamos de várias competições e campeonatos regionais. Fomos campeões várias vezes. Nessa época, eu já gostava do Atlético. A paixão veio do berço.

Depois que saí da Congregação, fui morar em Ponte Nova, em uma fazenda que tinha 220 alqueires, sete mil toneladas de produção e criação de gado. Fiz estágio na Melo Azevedo Construtora, onde fiquei por cinco anos como escriturário, no controle geral da safra de cana. Além disso, eu operava um rádio amador, o que aprendi a fazer com o pessoal da construtora. Nessa época, eu estava com 17 anos. Habilitei-me como motorista e peguei algumas noções de operador de máquina, trator. Fiquei lá até 1975.

Em seguida, voltei para Belo Horizonte e fiquei quatro anos trabalhando com um sobrinho do dono da fazenda, na Automac Ltda. Entrei para o Departamento Pessoal, com o cargo de Auxiliar Administrativo. Voltei a estudar e terminei o primeiro grau no Colégio Brasileiro. Depois, fiz supletivo no Champagná e no Roma, conseguindo, assim, concluir o segundo grau (atual Ensino Médio). Após outro supletivo no Champagná, feito através de uma bolsa, tentei vestibular para Engenharia Civil. Passei na etapa classificatória, mas perdi na final. Mais tarde, tentei outra vez, também sem obter sucesso, após o que desisti. Tenho vontade de voltar a estudar, mas preciso, primeiro, analisar o mercado. A competição está muito grande. Para gente que não tem recurso, fica difícil. Ainda assim, penso em tentar Engenharia Civil de novo ou Direito. Cheguei a tentar Direito na PUC, mas não consegui.

Também trabalhei na Antártica, pela Conan, o setor de recrutamento de lá. Fui estagiário no Setor de Ações, depois passei para o Departamento Pessoal. Na época, estavam transferindo a Companhia Alterosa de Cerveja para a Indústria de Bebida Antártica. Fiz a transferência das ações da Antártica e participei do controle das ações, dos cinco mil acionistas.

Por essa época, arrumei uma companheira que me deu um problema danado: começou a me esperar na porta todo dia, e a vaga era para solteiros!



Oswaldo Ferreira Filho

Oswaldo, conhecido como Grande Galo, nasceu no dia 6 de agosto de 1954, em Belo Horizonte. Trabalha, atualmente, como guardador de carros na Av. Brasil, em sua cidade natal. Atleticano "desde o berço", encontrou na poesia uma forma de expor seus sentimentos.

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

Ela revelou que era minha esposa e, aí, a coisa complicou. Ainda por cima, engravidou fora de programa. Para evitar me comprometer mais, pedi demissão. Despachei a menina para um lado e saí para o outro. Ela perdeu o bebê, infelizmente. Não tenho filhos. Na época, pedi demissão e, por incrível que pareça, nunca mais consegui emprego fichado na minha área.

Então, comprei uma máquina e comecei a trabalhar com manutenção de jardins, colocando em prática as noções de técnica agrícola que tinha aprendido no Dom Orione. Trabalhava em firmas diversas, de forma autônoma e sem carteira assinada, o que não me agradava muito. Peguei muito "rabo-de-foguete"! Um exemplo: certa vez, fui trabalhar em Macaé, no Rio de Janeiro. A gente ia na carroceria do carro, furando barreira, clandestinamente. Meu cargo era de apropriador, e minha função era medir metros cúbicos de produção, nos tanques de areia. Fiquei lá por dois meses. Chegando aqui, eles não assinaram minha carteira, e eu resolvi largar aquilo para lá. Mais tarde, assinaram minha carteira e me mandaram para Itabirito. Falei: "Não estava combinado!" Voltei para cá. Um ano depois, mandaram me chamar de novo e falaram que eu ia trabalhar no Departamento Pessoal. A intenção era que eu fosse para Coronel Fabriciano, mas eu não quis e voltei a trabalhar com jardim. Em certa época, eu dava manutenção mensal em 20 residências. Também cuidei de alguns sítios, em Ribeirão das Neves. Depois, voltei para Belo Horizonte e passei a morar de aluguel, tomando conta de jardim. Fiquei nisso até 1994.

Mais ou menos nessa época, passei a tomar conta de um restaurante cujos donos eram um casal com que eu tinha feito amizade. Eu aproveitava para tomar conta dos carros dos fregueses também. Durante três anos, morei em uma casa que pertencia aos proprietários do restaurante. Quando eles se separaram, a casa onde eu morava foi vendida, e eu voltei a pagar aluguel por minha conta.

Em 1994, cadastrei-me na Prefeitura e consegui uma licença de guardador e lavador de carro, para justificar minha presença na rua. Mas a situação atingiu um ponto em que eu não tive mais condições de pagar o aluguel. Já tinha comprado geladeira, fogão, cama, etc., mas tive que vender tudo para pagar o aluguel. Quando meus recursos se exauriram por completo, fui obrigado a me mudar para a República Reviver, uma instituição da Prefeitura, onde estou há dois anos.

República Reviver

Na República, é cobrado 10% do salário mínimo, uma ajuda de custo para a casa, mas os benefícios são excelentes. A gente tem assistência médica e psicológica, tem o SUS, o Carlos Chagas e uma equipe exclusiva que nos dá atenção. Eu tive um problema de saúde e não tinha INSS, estava atrasado. Eles me prestaram assistência e não me cobraram. Lá, realmente dá para a

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

gente se reerguer e sair de um túnel que estava meio escuro.

A República Reviver realmente lapida as pessoas. 95% dos moradores têm necessidade comprovada de estar lá. Todo o mundo está desempregado. Na realidade, o pessoal tem uma trajetória de rua e está sem condições de pagar aluguel. A maioria trabalha de "bico": uns como carregadores; outros olham carros credenciados; outros trabalham na cooperativa de detergente; etc. Nós somos 31 e cerca de 10 ou 15 pessoas têm problemas de saúde. O prazo de permanência na República é de nove meses a um ano. O meu prazo já venceu, mas foi prorrogado por causa do meu problema de saúde, um cisto no joelho. Já se passaram dois anos, completos em março passado.

As pessoas são encaminhadas para a República Reviver pela Arquidiocese, pela Pastoral de Rua ou pelo Centro de Referência Violeta, como foi o meu caso. Eles me abordaram na rua e eu expliquei a eles meu problema de aluguel. Disse que estava vendendo tudo e já não sabia mais o que fazer. Conteí que, inclusive, tinha sido obrigado a vender até a minha cama. Então, fiz a triagem, expliquei minha situação e eles me aceitaram. Agora, estou saindo de lá, porque fui cadastrado no programa de "Bolsa-moradia" e vou poder pagar meu aluguel. Na República Reviver, aprendi a voltar a ter dignidade. Quem passa por lá aprende, pelo menos, uma coisa: a conviver. Você continua com sua dignidade, mas aprende a perder a vaidade, a compartilhar, a saber que um depende do outro.

Encontro com a literatura

Na época do colégio, descobri Machado de Assis. Foi paixão à primeira vista. Gosto de literatura, da nossa, principalmente, a literatura brasileira. Gosto da evolução da literatura, a qual acompanho muito. Tem mais autores de que eu gosto: Jorge Amado, Aloísio Azevedo, Guimarães Rosa, José de Alencar, Monteiro Lobato. É uma diversidade muito grande, mas tenho admiração especial por Machado de Assis.

Quando eu freqüentava o Colégio Brasileiro, o professor Ariosco, jornalista e político, gostava muito da minha redação. Hoje, escrevo poesias. É uma forma de escape, porque, às vezes, eu converso muito, mas sou mais de meditar. Não sou muito de me abrir com as pessoas. A poesia é uma catarata. Só que eu não escrevo para todos. Às vezes, eu escrevo e rasgo, desabafando só comigo mesmo. É uma maneira que eu acho de registrar alguns momentos. Já escrevi mais de 200 folhas, mas nunca publiquei. Ultimamente, ando pensando em coordenar meus escritos e reuni-los em um livro.

Comecei a valorizar minha poesia com o incentivo do professor Wagemann Teixeira Matias, professor de Karatê do PIC Cidade. Toda vez que eu olhava o carro dele, a gente trocava uma saudação "Cruzeiro e Atlético". Um dia,

CONTEÚDO EXCLUSIVO DO SITE www.escritoriodehistorias.com.br - permitida a reprodução desde que citada a fonte
Escritório de Histórias - eh@escritoriodehistorias.com.br

Belo Horizonte / MG: Av. Brasil, 1831 sala 903 - Funcionários - 31140 002 - (31) 3262 0846
Brasília / DF: SEPS 705/905 bloco B sala 423 - Centro Empresarial Asa Sul - 70390 055 - (61) 3443 0911

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

mostrei a ele o que eu estava escrevendo. Então, ele procurou conhecer o que eu escrevia e levou para casa um caderno com algumas poesias minhas. Ele gostou e, a partir daí, sempre me perguntava: "O que você escreveu hoje?" Comecei a mostrar as poesias a ele, que as pegava e mostrava para todo mundo. Acabei adquirindo o costume de distribuir entre os amigos o que eu escrevia.

Agora, tenho intenção de colocar mais ordem nos poemas. Acredito que, alugando um quarto para morar, isso vai ser mais fácil. No momento, lá onde estou, a convivência com pessoas de várias origens, com vários problemas diferentes, tira um pouquinho a concentração da gente. Não é que seja triste, mas não tem aquela alegria espontânea por parte das pessoas. Todo o mundo está sem emprego, sem dinheiro e em crise. Eu tenho minhas dificuldades, mas, perto da deles, é zero. Eu, graças a Deus, sobrevivo, porque tenho muitas amizades, e o pessoal tem me dado apoio. Mas não tenho cabeça para escrever na República. Eu faço meus rascunhos, mas altero tudo. Continuo, porque são devaneios, isto é, minha maneira individual de pensar e de sentir as coisas. É meio egoísta. Já introspecção é quase uma opinião, é uma crítica social. Como eu não escrevo introspecção, não dou palpite em nada. É um ponto de vista só meu.

Eu escrevo para pessoas que admiro muito, exatamente para que elas saibam com quem estão lidando. É um pouco de mim. Medito muito sobre a consequência das palavras e, por isso, gosto de escrever homenagens e de ver o valor das pessoas. Aprendi com Machado de Assis a ser muito observador. A maioria das poesias, eu dou para os outros. Gostou? Pode levar. Tenho prazer que a pessoa leve. Só de falar que gostou, já me sinto pago.

Paixão pelo Atlético

O pessoal me chama de "Grande Galo", porque já fiz bagunça demais. Se alguém me perguntava: "E aí, grande! Como é que está o galo?", eu respondia: "Meu Galo é grande, é imenso!" Aí, com o tempo, pegou: "Grande Galo". Acabei aceitando o apelido. Não sou eu quem é grande; é o Galo. Eu considero o Galo realmente grande. No meu quarteirão, sempre que o Atlético ganha, passam cerca de 20 ou 30 carros de atleticanos gritando para mim. Se o Galo perde, são os cruzeirenses que passam lá, caçoando: "Fala alguma coisa!" Eu sei conviver com os dois lados e levo tudo na conversa, brincando com todo o mundo. Costumo dizer: "Perdeu, mereceu. Mas, no ano que vem, nós vamos ganhar!" Levo tudo no alto-astral. Mas esfriei um pouco na fidelidade - não ao Atlético, mas como torcedor. Dói-me um tanto ver jogador do Galo jogar no Cruzeiro, e também não gosto de ver jogador do Cruzeiro no Galo. Já os jogadores do América podem jogar nos dois. Simpatizei e gosto do Atlético. Desde menino, tenho o costume de acompanhar o time. Pertencço à Galoucura, embora não esteja muito atualizado. No mesmo dia em que fiz a minha carteirinha da Galoucura, viajei até Goiás,

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

numa caravana da torcida. É um lazer. Tem hora que dá para extravasar. Não gosto de televisão. Tenho televisão, mas sou fanático é por rádio. Com o rádio, é que acompanho o Atlético o ano inteiro.

Projetos

No momento, pode-se ter uma certa opinião, mas, quando a gente olha para trás, vemos que, antigamente, a gente era outro. A gente se atualiza de acordo com os acontecimentos e vai reformulando a maneira de pensar. Vai refazendo os projetos. Eu, graças a Deus, tenho alguns projetos. Estou planejando concorrer a uma vaga para trabalhar num telemarketing. Lá, já daria para voltar ao mercado de trabalho com carteira assinada e tudo. Ao mesmo tempo, estou terminando um curso de eletrodomésticos e pretendo montar uma associação de reparos de eletrodomésticos na cooperativa de detergente, que me cedeu uma sala para isso. Vai funcionar como uma oficina. Provisoriamente, vou manter a licença para olhar carros. Com isso, eu justifico minha presença no quarteirão e aproveito para fazer propaganda da minha futura oficina. Além disso, quero fazer um livro apresentando tudo o que já escrevi com uma nova roupagem.

Um pouco de poesia

Devaneios oswaldianos

Meu ego clama...
Centelhas indecifráveis onde
A pureza de um sorriso não
Exige palavras...

Sentimentos ocultos ficam
Calados... Amordaçados
Energias invisíveis... Platônicas...
Podem sentir VOCÊ inocentemente
Acalentando meus "Ais"...

Alea jacta est
(Diante de adversidades, vencer um objetivo...)
Libertas quae sera tamen
(Ter uma certeza de que vale a pena uma causa...)

Sem delírios... Ficção...?
Meus olhos são minha janela
Para ver meu mundo
Você é e será segredo
Pro meu coração.

HISTÓRIA VIVA

GRANDE GALO, GRANDE OSWALDO

LUCIANA AMORMINO

"Robert Francis Drumond"
- In Memoriam -

"(...) sua partida, Roberto, deixa de luto o esporte, a literatura, o jornalismo, a política, o espírito jovial que o mantinha sempre vibrante. Mas sua alegria e paixão vão sempre nos inspirar em todos esses caminhos que você salpicou de poesia."

Clara Arreguy
"Estado de Minas", 21 de junho de 2002.

(Seja o que Deus quiser)
Roberto Drumond - Última Crônica.

Fiquei atormentado
Quando na Itatiaia
Deu em noticiário
Talvez em primeira mão
Que você, meu bom
E querido amigo
Se desligava da vida
Partindo para o ALÉM...

Minhas pernas fraquejaram
Se chorei, eu nem sei.
Naquele instante, sem querer entender
Alguém que muito admirava partia
Meditei por toda a noite
Sua falta eu já sentia
O que milhares de pessoas
Te admiravam e nem percebiam
Eu trabalhando tão perto
Na Cláudio Manoel junto
À Praça da Liberdade
Você na livraria Travessa
Alegre a savanear
Degustando pão de queijo com café
Rodeado de seus livros.

Era esta livraria
Uma extensão de seu lar.
Comprei jornais e revistas
Rádio ligado... tudo pude acompanhar
Mas faltou-me forças

Em seu sepultamento estar
Tenho certeza de que, talvez, iria chorar.

De sua genitora cidade de Ferros
Aqui em Belo Horizonte
Em toda a Minas e no Brasil
Estados Unidos, Europa
Até em Shizuoka no Japão
Onde jogava nossa seleção
Sua partida foi motivo
De muita dor, lamentos, consternações.

Sei que não estará sozinho
Oswaldo Faria, Henfil, Rauzito
Vinícius de Moraes, Kazuza, Kafunga,
Clara Nunes, Elis Regina,
Maísa, Leandro, João Paulo,
Evaldo Braga, Pixinguinha,
Luiz Gonzaga e Gonzaguinha,
Cascatinha e Inhaná,
Amigos como Jorge Amado, Monteiro Lobato,
O mestre Aurélio e Machado de Assis,
Tiradentes e os inconfidentes...
Com todos a savanear...

Cá, continuaremos órfãos de vocês
Mas sentindo-o, lendo-o,
Em suas folhas imortais.
Tenho certeza, Drumond
Seu espírito continuará vivo
Entre nós.
Que Dona Beatriz e Ana
Sua esposa e filha
Tragam à luz seus rascunhos
Cumprindo a sua sina.

Oswaldo Ferreira Filho
"Grande Galo"